



75 anos em Pirituba

Benedictinos Valombrosanos se dedicam à contemplação, educação cristã e caridade

Luciney Martins/O SÃO PAULO



Em Pirituba, o Cardeal Odilo Pedro Scherer preside missa pelo jubileu de 75 anos da chegada ao Brasil dos primeiros monges da Ordem Beneditina Valombrosana

Uma missa na sexta-feira, 26, na Paróquia Nossa Senhora da Assunção, em Pirituba, marcou o jubileu de 75 anos da presença dos monges beneditinos valombrosanos no Brasil. A Eucaristia foi presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo.

Os três primeiros monges vindos da abadia toscana de Vallombrosa, na Itália, chegaram ao Brasil em janeiro de 1949, após o

apelo do Papa Pio XII para que as ordens e congregações religiosas ajudassem as Igrejas da América Latina, enviando-lhes sacerdotes, religiosos e religiosas.

A ação missionária começou no bairro de Pirituba, local pouco habitado na época, considerado distante da cidade e de difícil acesso.

Os monges dedicam-se à vida contemplativa, própria do carisma, e à ação missionária, pastoral, social e educativa. Anexo ao

mosteiro está o Colégio São João Gualberto, fundado em 1968.

Dom Odilo afirmou que celebrar o jubileu da chegada dos Valombrosanos ao Brasil é um convite para renovar a fé, o amor, o serviço e o testemunho dos monges e dos fiéis, impulsionados pela Palavra de Deus e os ensinamentos do fundador, São João Gualberto, e de São Bento.

Página 11

O Pateo do Collegio e a história da Igreja na cidade de São Paulo

Nesta edição o Caderno Fé e Cultura destaca o complexo histórico, cultural e religioso do Pateo do Collegio, sinal vivo da história de São Paulo. A quarta maior do mundo nasceu de uma escola fundada por padres jesuítas. Um gesto, de certa forma visionário, de homens que sabiam que a mensagem cristã tinha que ir sempre mais além.



Editorial

Entendendo a constituição dogmática
Lumen gentium

Página 3

Encontro com o Pastor

Peregrinos da Esperança:
preparativos para o Jubileu de 2025

Página 2

Espiritualidade

O empreendimento de salvar pessoas para o céu

Página 5

CADERNO Fé e Cultura

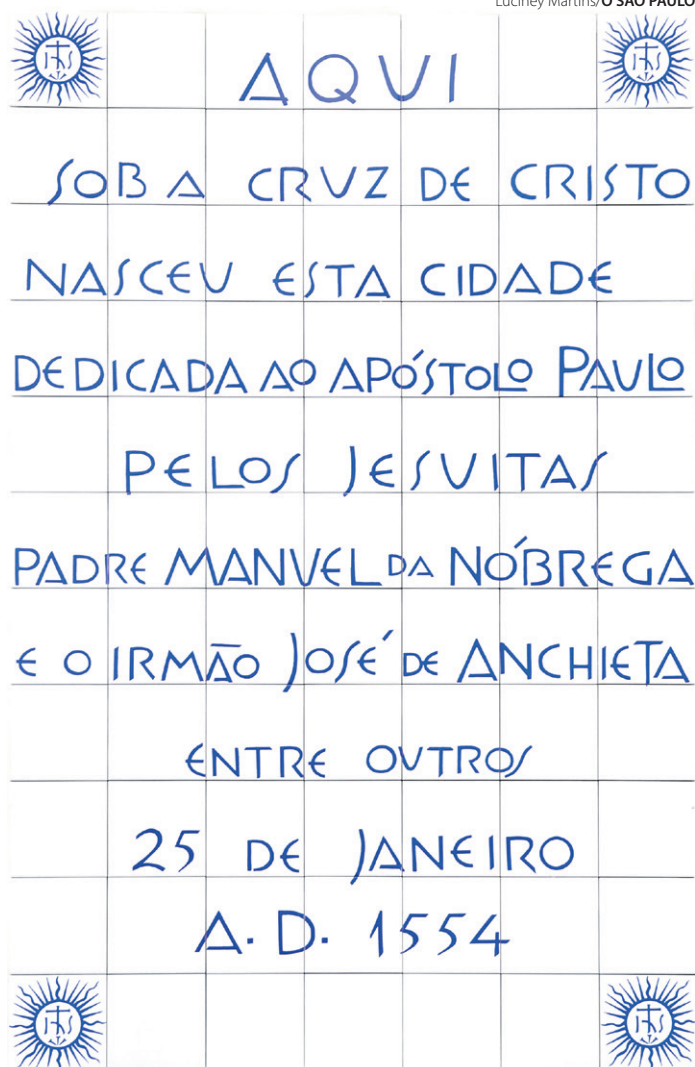
Edição 17
31 de janeiro de 2024



Use o QRCode
para acessar o
Caderno Cultural
na Internet, com
mais artigos e
links citados.



Luciney Martins/O SÃO PAULO



A metrópole que nasceu da fé

Núcleo Fé e Cultura

Nós nos esquecemos facilmente, mas São Paulo, a quarta maior cidade do mundo, a maior do Hemisfério Sul e fora do continente asiático, uma metrópole cuja influência ultrapassa fronteiras, é fruto da fé cristã e do amor ao próximo. Nasceu de uma escola fundada por padres jesuítas. O Colégio São Paulo de Piratininga – que lhe deu origem – foi criado, primordialmente, para atender a uma comunidade de indígenas e mamelucos, gente pobre e isolada da região costeira onde a vida da colônia era mais próspera. Um gesto, de certa forma visionário, de homens que sabiam que a mensagem cristã tinha que ir sempre mais além.

Os jesuítas não vieram para destruir a cultura indígena. Vieram, sem dúvida, para cristianizá-la, mas procurando respeitá-la, dentro dos limites da compreensão cultural da época. Procuraram defender as populações indígenas, conciliando, da melhor forma que conseguiram, sua cultura com a fé cristã. Pagaram um alto preço por isso. A história de São Paulo mostra que a Igreja, sempre que procura se manter fiel à mensagem cristã, encontra resistência e perseguição, mesmo entre aqueles que se propõem a defendê-la, mas no fundo querem apenas instrumentalizá-la. É uma história que nos pede a humildade de reconhecer erros e pecados cometidos, mas também de assumir um compromisso de fé e amor ao próximo.

Neste 470º aniversário da cidade, nós nos debruçamos sobre o complexo histórico, cultural e religioso do Pateo do Collegio, sinal vivo dessa história. Que a memória do passado seja inspiração e força no presente, na construção de um futuro melhor.

Jesuitas Brasil



470º aniversário de São Paulo

Padre Alfredo
José Gonçalves, CS

A capital São Paulo, nossa querida “pauliceia desvairada”, como dizia o poeta Mário de Andrade, completou 470 anos em 25 de janeiro de 2024. Com cerca de 12 milhões de habitantes, é a maior cidade da América do Sul e, claro, do País. Grande metrópole, um verdadeiro deserto moderno, em que multidão rima com solidão, mas também com mutirão. Pois o deserto pode se tornar fecundo em suas possibilidades inesperadas.

Nesse gigantesco deserto humano, quanta gente permanece só e abandonada, oculta em meio às multidões sempre apressadas?! Quantas pessoas e famílias sem teto, do lado de fora dessa imensidão de prédios, casas e apartamentos?! Quantos gemidos e gritos abafados, silenciosos ou silenciados, pelos ruídos de uma cidade tão veloz quan-

to rumorosa?! Quantas histórias e rostos anônimos circulam por suas ruas, praças e avenidas?! Quantas digitais humanas nessa desmesurada selva de pedra e asfalto, cimento, vidro e ferro?! São perguntas que interpelam todo cidadão que habita esta cidade. Mas há outras questões que revelam as pluralidades e potencialidades de tão extensa, tão distinta e tão rica mancha urbana. Quanta variedade de povos, nações, línguas, costumes, expressões culturais e religiosas?! Quantos contatos com os mil rostos do outro, no seio dela, podem ocorrer diariamente?! Quanta vitalidade, alegria e festa comporta a convivência de tantas experiências de vida e de tantas visões de mundo?! Apesar dos desencontros do dia a dia, quantos reencontros e quantos laços e relações

se tecem nos inúmeros espaços da cidade?! Assim é nossa grandiosa metrópole: como as demais, buliçosa, cosmopolita, cheia de contrastes e contradições e, ao mesmo tempo, repleta de vigor e de oportunidades múltiplas. Isso porque no seu interior “há um povo numeroso que me pertence”, diz o livro dos Atos dos Apóstolos (At 18, 1-17). E o salmo, por sua vez, assegura que “Deus habita esta cidade (Sl 47,9). Numa palavra, suas digitais divinas marcam nossa história pessoal, familiar, comunitária, sociopolítica e de toda a humanidade. Como na feliz expressão bíblica da *Jerusalém Celeste*, a graça do Deus reveste a obra humana, potencializando-a com seu amor e misericórdia.

Tanta dor e sofrimento, ao lado

de tanta riqueza, opulência e desperdício; tanta desigualdade e injustiça clamam aos céus. Ao ouvir o clamor dos pobres, excluídos e mais vulneráveis, o Senhor move a solicitude pastoral da Igreja para socorrê-los. Disso decorre a multiplicação das pastorais e movimentos sociais, dos gestos de acolhida e das mãos estendidas em solidariedade aos que mais sofrem e necessitam de um olhar de pastor.

Para expressar com as palavras do Papa Francisco, trata-se de um testemunho da “Igreja em saída”. Neste aniversário de São Paulo, a festa e a luta, a gratidão e a celebração, a graça e o empenho conjunto se fundem e caminham de braços dados para tornar esta cidade cada vez mais amiga e irmã, pronta a acolher todos aqueles que chegam e a escolhem como casa e pátria.

O Colégio São Paulo de Piratininga e a história da Igreja na cidade

Luciney Martins/O SÃO PAULO



Redação

Quando, hoje em dia, entramos no Pateo do Collegio, no centro da cidade de São Paulo, devemos entender que estamos vendo um sinal concreto da história do povo de Deus nos “campos de Piratininga”.

A origem da cidade de São Paulo é uma cabana construída com auxílio de indígenas, com a função de se tornar um “colégio” dos jesuítas, voltado sobretudo à evangelização desses povos, uma vez que a presença portuguesa era quase inexistente na região. Nasceu da intuição do Padre Manuel da Nóbrega, primeiro superior dos jesuítas no Brasil, que percebeu a importância de uma missão afastada da costa. A região escolhida era conhecida pelo termo indígena Piratininga, que significa “peixe a secar, após a cheia do rio”.

O colégio, oficialmente batizado como “São Paulo de Piratininga”, foi inaugurado com uma missa, em homenagem ao apóstolo, celebrada 470 anos atrás, em 25 de janeiro de 1554. Como a cabana inicial, feita de pau a pique (técnica de construção com barro, bambu e palha), com 14 passos de comprimento e 10 de largura, era muito rudimentar, coube ao Padre Afonso Brás, superior da segunda expedição missionária ao Brasil, a tarefa de projetar uma

nova edificação, finalizada em 1556. Construída em taipa de pilão, com a ajuda do líder indígena Tibiriça, convertido ao Cristianismo, contava com espaços distintos para a escola e a igreja.

Posteriormente, a igreja foi refeita ainda mais uma vez por Lourenço Cardoso, entre os anos de 1667 e 1671. Sua torre foi construída durante a gestão do Padre Manuel Correia (1683). Contudo, como seus alicerces cederam, danificando parte da fachada da igreja, houve ainda uma reconstrução em 1694. Posteriormente, o templo passou por outra renovação na capela-mor e nos altares entre 1741 e 1745.

Lições que vem das origens. Dois aspectos chamam a atenção nessa origem da cidade de São Paulo. O primeiro, amplamente lembrado, é São Paulo ser, provavelmente, a única grande cidade do mundo que nasceu a partir de uma “escola”. O segundo, menos percebido, altamente contraditório, é que os primeiros



destinatários dessa empreitada eram os povos indígenas, que acabariam sendo dizimados na região.

O local escolhido tinha importância estratégica como ponto de apoio para as expedições que se aventuravam pelo interior do Brasil. Um abrigo relativamente seguro para os europeus que, afastando-se do litoral, subissem a serra e desejassem buscar riquezas no interior do continente. Essa localização estratégica pode ser percebida até hoje por quem percorre o seu estacionamento atual. Dali se descortina, mais abaixo, toda a zona Leste de São Paulo. Era um local ideal para uma construção protegida, dado fundamental para quem estaria sujeito a ataques hostis. De fato, em 1562, poucos anos depois da sua fundação, a vila foi atacada por grupos indígenas contrários à presença europeia, num episódio conhecido por “cerco de Piratininga”. O confronto poderia ter resultado num precoce desaparecimento do que hoje é a maior metrópole da América do Sul, se não fosse a vitória dos indígenas liderados por Tibiriçá, favoráveis aos jesuítas.

Jesuítas versus bandeirantes. Durante os anos que se seguiram, os padres da Companhia de Jesus se dedicaram cada vez mais não só à “conversão das almas”, mas também à defesa da vida e dos direitos dos povos indígenas, cada vez mais ameaçados pelos portugueses. A situação se agravou à medida que a Santa Sé apoiou as reivindicações dos jesuítas e a Coroa portuguesa baixou decretos que ampliavam a proteção dada aos indígenas pelos religiosos. Em 1640, os jesuítas foram pela primeira vez expulsos da Capitania de São Paulo e, conseqüentemente, de seu colégio em São Paulo. Só voltaram 13 anos depois, com restrições a suas atividades em defesa dos índios

e encontrando suas instalações bastante danificadas.

A complexa e conflitiva relação entre povos indígenas, colonos de origem europeia e jesuítas perduraria por décadas. Os bandeirantes viam nas populações indígenas que viviam nas missões jesuíticas uma fonte para a captura de trabalhadores já adestrados nas práticas europeias, que poderiam ser vendidos como escravos para os proprietários ricos do litoral. Os jesuítas buscaram usar da influência da Igreja na coroa portuguesa para proteger suas comunidades, mas o conflito permaneceu e culminou com a expulsão da Companhia de Jesus, determinada pelo Marquês de Pombal, em 1759.

Em todo o período colonial, São Paulo não foi uma terra rica. A vila, e a cidade que dali surgiria, só viria a se enriquecer cerca de três séculos depois de sua fundação, com o ciclo do café. Assim, enquanto as igrejas europeias construídas no período se caracterizavam pela exuberância barroca, aqui os prédios religiosos eram simples e sóbrios, refletindo a carência de recursos. De modo similar, as imagens religiosas produzidas nos séculos XVIII e XIX, conhecidas como “paulistinhas”, por serem tipicamente paulistas, caracterizam-se pela utilização do barro cozido em vez da madeira e da simplificação dos traços. O artista plástico Cláudio Pastro, especialista em arte sacra, observava que essas imagens tinham um aspecto hierático, uma certa rigidez e ausência de expressividade geralmente indicativa de respeito à divindade, comum nas obras da Antiguidade e do período gótico, diferente do maneirismo predominante nas imagens barrocas.

Os confrontos entre Igreja e Estado. As relações entre a Igreja Católica, com suas múltiplas facetas e

comunidades religiosas, e o Estado não foram sempre de cooperação e apoio, como fazem crer certas leituras. O padroado régio, sistema em que a Coroa apoiava e financiava as atividades da Igreja, que perdurou tanto no período colonial quanto no imperial, criava graves problemas de cerceamento e até desvios na sua missão e em seu testemunho.

Com a expulsão da Companhia de Jesus, em 1759, todos os seus bens foram confiscados e seu colégio em São Paulo foi convertido em Palácio dos Governadores. A construção foi reformada, visando à sua nova finalidade, e a sobriedade do estilo jesuítico foi perdida com a inclusão de elementos arquitetônicos neoclássicos, ao gosto da época.

O retorno dos jesuítas ao Brasil aconteceu a partir de 1843. Contudo, nessa época, os bens confiscados à Companhia não foram devolvidos. Em 1896, eram administrados pelo Bispado de São Paulo, mas a construção no centro da cidade ainda abrigava um órgão público. Nesse ano, parte do teto do edifício desabou durante uma tempestade e, mediante um acordo entre o governo da província e o Bispado, a igreja foi demolida e não reconstruída. O altar-mor foi levado para a Igreja do Imaculado Coração de Maria, localizada na Rua Jaguaribe, no bairro de Higienópolis, em São Paulo, pertencente à Congregação dos Missionários Claretianos, e precisou ser adaptado ao espaço menor que lhe foi destinado, sendo que várias partes se perderam porque não puderam ser instaladas.

O Pátio do Colégio atual. Os bens confiscados à Companhia de Jesus em 1759, na cidade de São Paulo, só foram restituídos em 21 de janeiro de 1954, por ocasião das comemorações do IV Centenário da cidade pelo en-

tão governador Lucas Nogueira Garcez. Pelo ato de restituição, caberia aos jesuítas “construir um Colégio e Igreja, ‘casa de Anchieta’, onde seria organizado um Museu Colonial, manutenção de cursos gratuitos e atividades culturais e conservação das relíquias remanescentes da construção anterior (parede de taipa, cripta)”. A nova instituição foi denominada *Pátio do Colégio*, na grafia do português antigo.

A igreja, templo, do período colonial, portanto, já não existia mais. Fora vítima dos percalços políticos que acompanharam a história da Igreja, povo de Deus, ao longo da história da cidade. O edifício que conhecemos hoje foi construído nos anos recentes, ainda que procurando rememorar o estilo da construção colonial. Foi inaugurado com uma missa celebrada em 1979. Em 2009, a Companhia de Jesus, por meio do seu provincial, Padre Carlos Palacios, e do diretor do *Pátio do Colégio*, Padre Carlos Alberto Contieri, iniciou uma nova recomposição de seu espaço interno, que ficou a cargo do artista sacro Cláudio Pastro.

Nesse trabalho, Pastro não procurou refazer a igreja do passado, no que seria uma imitação extemporânea da arquitetura sacra colonial paulista. Buscou, isso sim, utilizar elementos arquitetônicos que rememorassem a sua história, como o arco do presbitério, com azulejos dourados, relembrando o esplendor barroco, e os azulejos em branco e azul, típicos da arquitetura colonial portuguesa. Sua ideia era a de mostrar uma Igreja, povo de Deus, viva, que cria o novo com olhos atentos à riqueza e às dores do passado.

Agradecemos a todos aqueles que trabalham no Pátio do Colégio, e que direta ou indiretamente ajudaram na elaboração deste Caderno, nas pessoas de seu diretor, Pe. Carlos Alberto Contieri, SJ, e da historiadora Larissa Maia Artoni.

A arte sacra é para a comunhão, participação e missão: a reforma no espaço celebrativo do *Pateo do Collegio**

Hilda Souto**

A reforma da igreja do *Pateo do Collegio* pode ser examinada à luz da carta apostólica “*Desiderio Desideravi*, sobre a formação litúrgica do povo de Deus” (DD), do Papa Francisco, de 2022. O ambiente interno foi adaptado segundo uma “compreensão teológica da Liturgia e da sua importância na vida da Igreja”, ou seja, uma intervenção que promove a participação plena, consciente, ativa e frutuosa na celebração, “primeira e indispensável fonte na qual os fiéis podem haurir o genuíno espírito cristão” (DD 16).

Do altar ao ambão. O amplo espaço celebrativo da igreja foi estruturado para permitir a total visibilidade das partes essenciais do rito, desde o primeiro até o último beijo dado no altar de pedra pelo sacerdote. Aliás, de pedra [granito rosa], são também a sédia, o ambão e a pia batismal. Os braços da cruz formada por esses quatro elementos são percorridos pelo sacerdote durante a celebração litúrgica: da entrada ao presbitério (braço vertical) e do ambão à pia batismal (braço horizontal). É um espaço pedagógico, que corrobora o ritmo da celebração, em que cada elemento cumpre sua função.

O altar é o “centro da ação de graças que se realiza pela eucaristia”, segundo a *Instrução Geral do Missal Romano* (IGMR 259). Os católicos orientais lembram que é o coração do corpo místico, lugar que bombeia o sangue e alimenta toda a comunidade cristã. Santo Ambrósio de Milão afirma que o próprio Cristo é o altar da Igreja; por essa razão o altar é de material nobre, sólido e fixo. A justificativa para o uso desse material pode ser encontrada nos Atos dos Apóstolos, só para citar um exemplo entre vários existentes nas Sagradas Escrituras: “É ele a pedra rejeitada por vós, os construtores, mas que se tornou a pedra angular” (cf. At 4,11). O altar também é a mesa do banquete, lugar da comunhão do corpo e do sangue de Cristo. Na carta apostólica (DD, 5), o Papa Francisco reitera o convite do autor do Apocalipse: “Todos são convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro” (Ap 19,9). É por esse motivo que encontramos a imagem desse animal logo acima do altar na Igreja do Apóstolo do Brasil. Ele é a prefiguração, no Antigo Testamento, do sacrifício atualizado por Cristo. O Cordeiro traz a síntese entre o Antigo e Novo Testamento. Cristo é sacerdote, altar e cordeiro.

Para o momento da Liturgia da Palavra há um espaço próprio, elevado, único, que é o ambão, local do anúncio da Ressurreição. É iluminado pelo círio que foi aceso na noite pascal, a principal celebração do calendário cristão. Atrás está o prólogo de João (Jo 1,1-18) que proclama a encarnação de Cristo na história, o Logos, ou seja, a Palavra se fez carne. Nas Sagradas Escrituras, os lugares das grandes revelações acontecem nas montanhas, local privilegiado de epifania. Aqui, os ministros e o sacerdote sobem para anunciar a Boa Nova do Reino de Deus de um lugar visível a todos. “Ressurreição não é um conceito, uma

Em 2009, o artista sacro Cláudio Pastro (1948-2016) realizou uma ampla reforma no espaço celebrativo da Igreja São José de Anchieta, do Pateo do Collegio, em São Paulo. Ao longo de sua história, o edifício havia passado por várias mutações e reedificações, chegando até mesmo a perder todas as suas funções religiosas. Sendo assim, a Companhia de Jesus solicitou a Pastro uma intervenção segundo os ditames do Concílio Vaticano II, de maneira a evangelizar a cultura do nosso tempo em continuidade ao trabalho iniciado pelos primeiros jesuítas que chegaram ao país e à cidade de São Paulo no século XVI.



Luciney Martins/O SÃO PAULO

ideia, um pensamento; se o Ressuscitado fosse para nós a recordação da recordação de outros, ainda que com autoridade, como os Apóstolos, se não nos fosse dada também a nós a possibilidade de um verdadeiro encontro com Ele, seria como declarar esgotada a novidade do Verbo feito carne” (DD 10).

A fonte batismal forma o braço horizontal da cruz juntamente com o ambão. Por seu tamanho, favorece um rito de imersão, sobretudo de crianças. O batismo é a porta de entrada na Igreja. Para o cristão é o lugar do verdadeiro nascimento e de conversão iniciada no rito da Palavra. O sacramento do batismo “não é um gesto mágico [...]. Em perfeita continuidade com a encarnação, é-nos dada a possibilidade, por força da presença e da ação do Espírito Santo, de morrer e ressuscitar em Cristo” (DD 12).

O lugar da cruz. Como se vê, todo o espaço celebrativo foi preparado em função do anúncio do Mistério Pascal. O que gera, continuamente, o cristão é a participação na celebração dominical que “oferece à comunidade a possibilidade de ser formada pela Eucaristia” (DD 65) e pela Palavra do Ressuscitado. Há, porém, um aspecto que nos chama a atenção.

Ao contrário do que Pastro elaborou para vários outros espaços celebrativos nos quais atuou, seja em reformas ou projetos originais, a Igreja do *Pateo do Collegio* recebeu um Cristo crucificado na parede do presbitério. Nesse lugar em que, habitualmente, um programa iconográfico pede a imagem do Pantocrator, “Aquele que tudo rege”, ou alguma cena evangélica relativa à ressurreição, encontramos um crucifixo do século XVI, pertencente a um dos museus dos jesuítas. Além da valorização da peça de um acervo importante, a leitura pessoal que faço sobre essa colocação incomum tem ligação com minhas pesquisas sobre o acervo em papel deixado pelo artista.

Com espanto e admiração, encontrei um número bastante relevante de Cristos crucificados entre os desenhos. O espaço particular de criação no qual me vi envolvida confirmou que todo artista tem seu lado privativo, seu “canteiro de obras”, em que brotam não só projetos a serem executados, mas, como no caso específico de Pastro, uma profunda meditação sobre a dor e a força da cruz. Muitos desses desenhos não saíram de sua condição de registros a lápis, mas são uma oração visual.

A cruz é via e não termo. A morte não é o fim! Para além da composição visual que se propõe recuperar uma tradição oriunda do Barroco, podemos fazer uma leitura escatológica, identificando nos azulejos dourados que compõem o painel atrás da cruz um grande sinal da ressurreição, do Mistério Pascal, no qual a vida cristã se fundamenta e vive. Com a morte de Cristo, o véu do santuário rasgou-se. Ele é a cabeça e nós, cristãos, seus membros.

O espaço celebrativo assim ordenado cumpre a nobre função de evangelizar, não somente com sua ar-

quitetura, mas com elementos visuais que mostram, dignamente, os valores do Evangelho. Esse foi o cerne do Concílio Vaticano II, do qual Cláudio Pastro foi fruto e, por essa razão, a reforma litúrgica na Igreja São José de Anchieta indica, por meio da arte sacra, importantes proposições a respeito do diálogo e abertura da Igreja ao mundo contemporâneo. A proposta também se atualiza com o tema proposto pelo Papa Francisco para o Sínodo 2021-2024: “Para uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão”. O artista foi um missionário na medida em que incorporou para si a função do *fossore*, uma espécie de artesão que atuava nas catacumbas, cuja missão principal era elevar as almas e indicar o caminho de Deus.

* Este artigo retoma observações do artigo acadêmico publicado pela autora, em coautoria com o Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes, publicado pela Revista de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo – USP, *Pateo do Collegio*, lugar de nascimento e memória: a reforma litúrgica realizada por Cláudio Pastro. Estudos Avançados, 35(103), 309-330.

** Pós-Doutoranda em Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, Brasil; Doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR. É artista plástica e designer. Foi assistente em diversos trabalhos realizados pelo artista Cláudio Pastro (1948-2016) e responsável pelo início da catalogação de sua obra até seu falecimento.